



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**UMA PRISÃO SEM GRADES: A CONFIGURAÇÃO DA MULHER NO CONTO “A
FUGA” DE CLARICE LISPECTOR**

FRANCISCA LUCIANA ROZENO FURTUNATO

CATOLÉ DO ROCHA/PB

2021

FRANCISCA LUCIANA ROZENO FURTUNATO

UMA PRISÃO SEM GRADES: A CONFIGURAÇÃO DA MULHER NO CONTO “A FUGA” DE CLARICE LISPECTOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras Português.

Orientador: Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo

CATOLÉ DO ROCHA/PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F992p Furtunato, Francisca Luciana Rozeno.
Uma prisão sem grades [manuscrito] : a configuração da mulher no conto "A fuga" de Clarice Lispector / Francisca Luciana Rozeno Furtunato. - 2021.
25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias , 2021.

"Orientação : Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHA."

1. Feminismo. 2. Mulher. 3. Amor prisional. 4. Inação e fuga. I. Título

21. ed. CDD 801.959

FRANCISCA LUCIANA ROZENO FURTUNATO

UMA PRISÃO SEM GRADES: A CONFIGURAÇÃO DA MULHER NO CONTO “A FUGA” DE CLARICE LISPECTOR

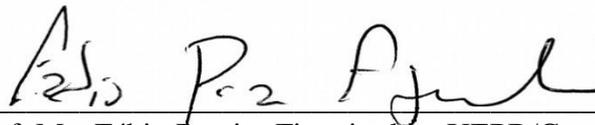
Aprovado em: 08 de Outubro de 2021.

Banca examinadora



Responsável pelo preenchimento

Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo – UEPB/Campus IV
Orientador



Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo – UEPB/Campus IV
Examinador



Jairo Bezerra Silva

Prof. Dr. Jairo Bezerra Silva – UEPB/Campus IV
Examinador

CATOLÉ DO ROCHA/PB

2021

DEDICATÓRIA

A meus avós José Pequeno Filho, Narcisa Galdino Vieira da Silva e Silva Fortunato (in memoriam), como também a vovó Joana Roseno, Francisca Lucia Roseno Furtunato (Mainha) e Francisco Adalberto Furtunato (Painho), os grandes tesouros que possuo na vida. Obrigada por todo sacrifício e incentivo diário, é tudo por vocês. DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por todas as bênçãos recebidas, e por todos os momentos que não me deixou fraquejar quando eu pensava não ser capaz de realizar meu sonho, me sustentando no seu amor.

A todos os funcionários da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) que contribuíram de forma direta e indireta para a minha formação e construção acadêmica durante toda a graduação, em especial ao Professor Dr. Jairo Bezerra Silva, por todo apoio, oportunidade e companheirismo nos Projetos de Extensão, que foram essenciais para que eu continuasse no curso, obrigada por toda paciência e ensinamentos repassados.

Agradeço ao meu orientador Professor Dr. José Helber Tavares de Araújo, por toda ajuda e paciência durante a construção do trabalho, e a banca examinadora constituída por Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo e Prof. Dr. Jairo Bezerra Silva por terem aceitado o convite como também por todas as contribuições que ajudarão posteriormente a abrilhantar a pesquisa de forma ímpar.

Agradeço imensamente à mainha (Francisca Lucia) e painho (Francisco Adalberto) que sonharam e batalharam comigo incansavelmente para que eu concluísse o curso, pessoas simples e com pouco estudo, mas que possuem um coração sem tamanho. Amo vocês imensuravelmente.

Às minhas amigas, que sempre me incentivaram e me fizeram ver o quão eu era capaz, em especial à Thayane, Rafaela, Rafaeli, Jordana, Stefany, Giovana, Magda, Thais e Bárbara. Saibam que vocês me impulsionaram a persistir no meu sonho, e eu não tenho palavras para expressar a minha gratidão. Muito obrigada por tudo, vocês são imprescindíveis em minha vida.

Agradeço também, aos meus amigos e companheiros de jornada, por terem sido tão incríveis durante a graduação, em particular ao nosso clubinho do café: Jeferson, Geovana, Rafaela, Cintia e Valdelândia, partilhar as tardes com vocês trouxe a leveza necessária para que pudéssemos seguir com o nosso sonho tão almejado.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a essas pessoas com as quais que tive o prazer de conhecer e me tornar amiga e colega de profissão: Ítalo, Joselma, Juliana Rirelle e Gleidiane. Obrigada por tudo meus amigos, que Deus possa futuramente reservar e encaminhar tudo que planejamos em sala e possamos um dia relembrar de tudo que um dia nos uniu.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A MULHER E O FEMININO NA OBRA DE CLARICE LISPECTOR	9
3 A ROMANTIZAÇÃO DO AMOR PRISIONAL PRESENTE NO CONTO “A FUGA”	111
4 A INAÇÃO DA PERSONAGEM ELVIRA A PARTIR DO SEU SILENCIAMENTO	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	25

RESUMO

Muito se tem discutido acerca do feminismo e como a mulher está inserida nesse meio, principalmente como a sociedade se mostra diante o casamento e suas inúmeras barreiras quando o foco está centrado em direitos e escolhas. Diante desse cenário, a mulher se apresenta na maioria dos casos como meramente um ser doméstico e submisso, tendo como única obrigação a de servir, o que demonstra claramente a intenção da sociedade patriarcal e da figura masculina, de fazer alusão da mulher relacionada ao termo de posse e objeto de propriedade privada, tendo esta que desempenhar e se submeter a tudo que lhe é imposto. Isto posto, esse trabalho tem como objetivo compreender como se configura o perfil da personagem mulher no conto de Clarice Lispector, intitulado “A fuga” em que atentaremos para o contexto social patriarcal da época; refletiremos acerca dos conflitos, anseios e frustrações vivenciados pela personagem Elvira e identificaremos aspectos expressivos a sua inação em relação a seu desejo de liberdade. O trabalho apresenta uma metodologia de análise do texto literário de cunho bibliográfico e norteia-se a partir das contribuições de Biroli (2018), Schmidt (2020), Triana (2011), Zolin (2009), Freitas (2011) e de Barros Rocha e El Fahl (2017). Por fim, os resultados encontrados mostram claramente que a inação de Elvira partiu do julgamento da sociedade diante o estigma que recai sobre a mulher após a separação do marido, fazendo com que sua escolha continuasse sendo a submissão e objetificação da subordinação do marido e do casamento, que ao invés de ser leve e feliz, pesa como quilos de chumbo.

Palavras-chave: Feminismo; Mulher; Amor prisional; Inação e fuga.

ABSTRACT

A lot has been discussed about feminism and how the woman is insert in this middle, and mostly how society shows up in front of marriage and its countless barriers when the focus is centered in rights and choices. In this case scenario, the woman presents herself in most cases as merely a domestic and submissive being, having as your only obligation to serve, which clearly demonstrate the intention of the patriarchal society and male figure, to make allusion to women related to term of possession and object of private property, having to play a part and submit to everything that is imposed. That said, this paper aims to understand how the profile of the female character is configured in Clarice Lispector's short story entitled "A fuga", in which we will pay attention to the patriarchal social context of the time; we will reflect on conflicts, anxieties and frustrations experienced by Elvira and identify aspects that express her inaction in relation to her desire for freedom. The work presents a methodology for analyzing the literary text of a bibliographic nature and is guided by the contributions of Biroli (2018), Schmidt (2020), Triana (2011), Zolin (2009), Freitas (2011) and from Barros Rocha and Fahl (2017). Finally, the results founded clearly show's that Elvira's inaction stemmed from society's judgment on the stigma that falls on women after separation from her husband, causing her choice to continue to be the submission and objectification of the subordination of the husband and marriage, which instead of being light and happy, it weighs like pounds of lead.

Keywords: Feminism; Woman; Prison love; Inaction and flight.

1 INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido acerca do feminismo e como a mulher está inserida nesse meio, principalmente como a sociedade se mostra diante o casamento e suas inúmeras barreiras quando o foco está centrado em direitos e escolhas. É indiscutível diante desse cenário matrimonial, que a relação homem versus mulher se apresente de forma conturbada, pois de acordo com Amoedo e Silveira (2021) os homens eram destinados a trabalhos no meio intelectual e as mulheres tinham apenas o papel de serem filhas, cônjuges e genitoras. Nesse caso, demonstra claramente a intenção da sociedade patriarcal e da figura masculina, de fazer alusão da mulher relacionada ao termo de posse e objeto de propriedade privada, tendo esta que desempenhar e se submeter a tudo que lhe é imposto.

A mulher ainda é construída socialmente como um ser frágil e incapaz de exercer os mesmos papéis do homem, seja em sociedade ou no âmbito da casa, espaço no qual é majoritariamente recrutada a desempenhar ações que, na maioria das vezes, não lhe é dada escolha. É sabido de acordo com Amoedo e Silveira (2021) que culturalmente o marido tendo a participação soberana no meio familiar, que se destina a “banciar” a casa, tende a tornar a mulher como meramente um ser doméstico e submisso, que cuida da casa, do marido e dos filhos, sendo nesse caso, sua única obrigação a de servir.

Isto posto, o trabalho em questão, tem como objetivo central compreender como se configura o perfil da personagem mulher em um conto de Clarice Lispector, intitulado de “A fuga”. Em vista disso os objetivos específicos foram direcionados para analisarmos o contexto social notadamente patriarcal da época em que a protagonista se encontra inserida; refletiremos acerca dos conflitos, anseios e frustrações vivenciados pela personagem; identificaremos aspectos expressivos à inação de Elvira em relação ao seu desejo natural de “liberdade” ao passo que se constrói a sua identidade como mulher no conto; analisaremos principalmente qual o papel que a sociedade tem em relação às decisões da protagonista. Como metodologia, a pesquisa se deteve ao método de análise do texto literário, através de uma pesquisa bibliográfica e que conta com contribuições de Biroli (2018), Schmidt (2020), Triana (2011), Zolin (2009), Freitas (2011) e De Barros Rocha e El Fahl (2017).

O trabalho apresenta-se dividido em três partes distintas, em que o primeiro capítulo se detém a explicitar detalhadamente a mulher e o feminino presente na obra de Clarice Lispector, o segundo se designa a relatar o fato da romantização do amor prisional presente no conto abordado e no último tópico é feito a análise no que diz respeito à inação da

personagem feminina Elvira a partir do seu silenciamento, em que é discutido o papel da sociedade da época em relação a seu aprisionamento no casulo íntimo de sua casa.

Conseqüentemente, os resultados encontrados se apresentam na relação da falta de incentivo e apoio da sociedade para com Elvira, ato que foi o precursor da sua falta de atitude para abandonar o casamento infeliz e o marido, construindo uma barreira entre o anseio pela “liberdade” do matrimônio do que realmente foi sua escolha, continuar se submetendo à objetificação da subordinação doméstica, já que, uma mulher “bem casada”, mas infeliz, era mais bem vista e tinha um valor de estima pela sociedade, em relação à uma mulher feliz, independente e dona de si, mas que estivesse separada do marido.

Essa é uma situação abordada com clareza dentro do conto e que é possível identificar ao longo de suas páginas, de que é melhor uma mulher trancafiada em um relacionamento tóxico, e aprisionada em uma porta de grades feitas de dependência e servidão, do que o voo de independência de Elvira, o que transcende o machismo dominante contra a figura feminina e que diariamente, de modo contemporâneo é camuflado de “o amor tudo deve suportar”, termo proferido pelo corpo social que impõe a todo custo o papel e lugar da mulher, como aconteceu com Elvira, de ser um ser subjugado e sujeito à obediência, muitas vezes até de forma inconsciente por já ter sido naturalizado pela personagem.

2 A MULHER E O FEMININO NA OBRA DE CLARICE LISPECTOR

É inquestionável que a mulher tanto em sociedade quanto inserida na literatura quase sempre foi vista com um olhar submisso, seja como protagonista ou mesmo representada pela mulher que hoje em dia ainda carrega estigmas de submissão e obediência diante seus desejos, a sociedade e as imposições do lar, em que a maioria está inserida. A mulher inserida na sociedade patriarcal ainda não tem os mesmos direitos trabalhistas, sociais, principalmente quando o foco se trata da moral, já que, nessa perspectiva, eram mal vistas pelo simples motivo de ter seus desejos sexuais aflorados.

Nesse contexto, a mulher, na década de 60 (sessenta), não podia nem sequer tomar remédios preventivos, já que nessa época, de acordo com Moraes (2012), as relações sexuais só poderiam ser praticadas por mulheres casadas, o que acaba revelando o pensamento machista de uma sociedade, em que nem só os homens proferiam esses discursos, mas que as próprias mulheres denegriam as imagens umas das outras.

Nessa sociedade, também é notório o papel que a mulher desempenhava, além de não ter o direito ao voto, Segundo Moraes (2012) ela ainda era introduzida na guerra sem treinamento militar e com funções predestinadas como enfermeiras ou elementos de apoio logístico, o que mais uma vez as leva para o lado relacionado ao cuidado, fazendo uma ponte com o cuidado do lar, exemplificando claramente o papel da mulher naquela época, que era o de prestar serviço.

No que concerne à literatura, Clarice Lispector se apresenta como sendo uma escritora fundamental, ao abordar diferentes tipos de situações interacionais relacionadas à mulher e a sociedade imperante e patriarcal. Em suas narrativas, sempre aborda as mulheres que estão na vanguarda da luta pelos seus direitos, como também mulheres que são oprimidas e submissas diante essa sociedade machista.

Esse é de fato o impasse da intérprete Elvira no conto, que se apresenta como a única personagem evidenciada de forma explícita e que exala um tormento por ser identificada e rotulada como a mulher bem casada. É notório a predileção que a autora apresenta ao escolher questionar em suas obras o mundo em que a mulher está inserida perante diversas particularidades, relacionando os comportamentos e conquistas, destacando que:

O texto de Lispector é construído sobre o movimento de fuga de Elvira, em que a personagem tenta quebrar o “cercado”, imagem que representa a sensação de prisão a que está submetida. Elvira oscila entre o dever de esposa a que se sente obrigada, e a liberdade, representada na imagem do mar sem fundo que contempla em sua saída pela noite do Rio de Janeiro e na desejada viagem de navio que se torna impossível para ela. (BARROS ROCHA e EL FAHL, 2017, p.21).

Isto é, esse cercado que é relacionado ao aprisionamento do casamento de doze anos, a encarcera, traçando dessa forma dois conceitos distintos em seu consciente, a sua realidade e a extensão social que a aproxima da sua emancipação que é almejada, mas que nesse caso:

Ao empreender sua fuga do sólido “Lar de Elvira”, como a personagem mesma denomina, e provar um pouco de liberdade, Elvira tem medo e, chamada à razão pelo Princípio da Realidade, retoma a sua condição de mulher bem casada, sem que ninguém perceba a sua odisseia. Uma das ironias da narrativa é que apenas a personagem sabe de sua suposta fuga, não há testemunhas de sua saída transgressora. Assim é a ação reguladora do Princípio da Realidade sobre o Princípio do Prazer: Elvira rapidamente enumera em sua mente aspectos práticos da fuga que passa então a ver como obstáculos. Ela que poucas horas antes vislumbrava na viagem pelo mar sua liberdade, retrai-se e esconde novamente sua vontade de viver outra vida. Mente sobre sua saída para o marido e deita-se para dormir, cumprindo sua rotina. O Princípio do Prazer sucumbe à economia do Princípio da Realidade. Este é capaz de oferecer segurança e proteção contra o novo que,

irrompendo com a força do desconhecido, desafia o ego. (BARROS ROCHA e EL FAHL, 2017, p.22).

Assim dizendo, ao pensar na fuga, Elvira tem medo de como será sua vida agora solteira e pelo princípio da realidade, que é quando o discernimento retoma seus pensamentos e volta à realidade o que era antes o seu plano de fuga, passa a ser empecilho, o que demonstra que o princípio do prazer exaure o princípio da realidade, já que a tentativa frustrada de fuga não oferece garantias e nem proteção ao abandonar o lar e o marido, fazendo com que dessa forma, Elvira ficasse sem ter onde apoiar seus pés, instituindo a figura do marido a figura de uma rocha que protege contra o desconhecido e lhe garante segurança.

Em vista disso Barros Rocha e El Fahl (2017) fala sobre a escolha de Elvira ao voltar para casa e sua libertação experimentada num curto espaço de tempo em pensamentos que pesam e a esclarecem que não conseguiria concluir a viagem planejada e se livrar do casamento, já que a todo instante tudo a faz pensar no seu papel como esposa e o papel que a sociedade desempenha para essa denominação, quando tem a lembrança que poderia ser vista durante o trajeto por alguns amigos importantes do marido e isso acabaria o prejudicando, relatando o descrédito que a mulher adquire, pois, deve sempre se portar de forma que a imagem do marido não seja abalada, e ao invés de olhar para si com seus olhos, passa a se ver pelos olhos da sociedade, uma mulher que precisa a todo momento de uma figura masculina para certificar sua índole de mulher honesta, tendo dessa forma sua estima alienada entre a presença ou falta do marido.

3 A ROMANTIZAÇÃO DO AMOR PRISIONAL PRESENTE NO CONTO “A FUGA”

Um dos contos de Clarice que iremos nos deter em análise neste trabalho é a “Fuga”, escrito no ano de 1940, e compondo a coletânea de A Bela e a Fera (1979). A história deste conto gira em torno da personagem central Elvira, uma mulher casada, cansada de uma vida a dois omissa, servil e a cima de tudo submissa do marido e da sociedade, em que ambos a aprisionam em um casamento rotineiro expresso no conto durante doze anos, mas que em um dia de chuva abafado sente um devaneio e tem vontade de se “libertar” e ir embora, coisa que é expressada durante toda a narrativa e em vista disso, faz com que ela mude todas as suas perspectivas e fantasie como seria sua vida longe do marido e como os julgamentos das pessoas influenciaria nas suas decisões e principalmente na sua felicidade que a anos era tão sonhada e planejada.

Elvira vive durante doze anos em uma prisão sem grades e a sua soltura, seria antes de tudo uma realização pessoal, já que o machismo da época fazia com que a mulher se submetesse a tudo, principalmente em nome da família, limitando-se unicamente a cuidar da casa e do marido dentro de uma estrutura totalmente totalitária e altamente “respeitável” no que concerne à figura que a mulher deve ter quando é casada. Durante sua tentativa de fuga, Elvira vê a vida com outros olhos, coisas que antes passavam despercebido por ter um ar nublado e sem graça, com a sua saída de casa tudo passa a acontecer naturalmente, ela vê as pessoas de forma diferente, se vê diferente, sente fome, anda leve e finalmente acha que a vida voltou a ter sentido. No seu percurso andando pelas ruas, entre os olhares maldosos das pessoas, ela planeja a fuga detalhadamente em sua cabeça, se hospedará em um hotel, comprará uma passagem de navio e irá ser feliz longe do que antes era a sua idealização de vida feliz, o casamento, que acabou se tornando seu maior pesadelo, pois, com doze anos, passou a ter um peso enorme em suas costas, afinal, Elvira expressa que doze anos pesam como quilos de chumbo, fazendo essa alusão do tempo em que foi casada com o sofrimento de aguentar o peso trazido pelo casamento. Depois de todo o planejamento, Elvira resolve voltar para casa, e então cai na real de que, não poderia se hospedar em um hotel sozinha, já que se alguém a visse sem a presença do marido seria ruim para os negócios dele e prejudicando o marido, além dos falatórios, o peso das palavras e julgamentos a fazem desistir, e ela logo regressa para casa, cada minuto que passa vai vendo tudo desmoronar ao seu redor e vê mais uma vez sua vida em prol do marido, que a impede mesmo que inconscientemente de partir.

Elvira então regressa para casa, toma um banho e veste sua camisola de todas as noites, fala com o marido, lhe deseja uma boa noite e fica vendo a luz cobrir o navio que vai se afastando, levando com ele toda a liberdade almejada durante tantos anos. O marido pede que Elvira o acorde como de costume para o trabalho, Segundo Amoedo e Silveira (2021) essa marca evidencia o papel de ambos em sua relação, o do marido de prover a casa, e da mulher de servir e obedecer todo o funcionamento da casa, a começar pelo despertar do marido. Elvira concorda e pede para que o marido apague a luz, e cada vez mais o navio se afasta e a sombra de doze anos fica junto com Elvira e o seu desejo de libertação, ambos ancorados em uma relação sólida, mas com pesos duros de um chumbo que não é só denso, mas dolorido e prisional.

No conto “A fuga”, Lispector (2016) desperta a atenção para a personagem Elvira, que se apresenta inativa diante os anseios em se ver livre de uma vida a dois fracassada, em que a personagem idealizava a separação do marido, ao mesmo tempo que passa a ser vista com

olhos preconceituosos e julgamentos pautados no significado que a mulher atribui após a separação, o que ocasionou que tudo fosse apenas um “sonho” da personagem. Essa personagem de Clarice decide “acordar” de seus sonhos idealizados pelo fato de pensar primeiramente nas críticas que receberia da sociedade e que poderia mudar todo o sentido moral de sua vida.

Nesse conto a escrita de Clarice tem destaque em relação à presença das relações familiares, o lar se apresenta como o cotidiano, em que as relações entre personagem e família são evidentes. Assim no caso desse conto o contato com o marido, ao mesmo tempo em que o contato com a sociedade tem a mesma proporção, fato que pode influenciar a falta de iniciativa da personagem em desfazer os laços dolorosos do amor prisional.

Dentro dos parâmetros da escritura feminina, pode torna-se o espaço da casa como lugar interior que permite a concentração das emoções e da intriga, mas também como um espaço com uma valoração negativa, identificado como tipicamente feminino, de maneira pejorativa, em que a sociedade patriarcal coloca e enclausura o fazer da mulher. (TRIANA, 2011, p.52).

Ou seja, é muito frequente a atenção concentrada nesse espaço identificado como “lar” o que acaba de certa forma sendo naturalizado o modo como a mulher é inserida nesse espaço e contexto socialmente imperante do qual se forma a identidade feminina junto com as variedades existentes desse amor conjugal idealizado, o que dificulta totalmente essa tentativa de fuga das personagens, como é o caso de Elvira, no tocante da solidão dentro do espaço doméstico que a mulher tem esse “sufocamento”.

Sempre, nos contos sobre mulheres casadas, encontra-se a descrição dessa vida rotineira, a organização do lar, os cuidados com os filhos, caso existam, ou a carência sentimental afetiva e condenação social por não tê-los, e a relação em muitos casos um tanto problemática da mulher com seu marido. (TRIANA, 2011, p. 59).

Nesse contexto, a personagem Elvira, que no conto “A fuga” se apresenta dentro de uma “prisão sem grades”, mas que a mesma sendo uma prisão doméstica, em que a “pena” é não poder sair desse lar, a opressão machista é presente dentro e fora dessa casa, e que tem como “torcida”, uma sociedade que tem a mulher como apenas casada, omissa, e servil, detentora de falares errôneos contra sua índole, caso essa mulher se vire contra o marido e decida deixar o seu lar, impondo dessa forma, que ela se submeta a trancafiar-se em um cubículo entre a sensação de liberdade, falatórios e a busca pelo conforto apaziguado do “amor” que não oprime. De acordo com Amoedo e Silveira (2021) isso nada mais é do que

uma construção da sociedade ligada exclusivamente à mulher como “espaço privado” e objeto patrimonial do casamento.

De acordo com Freitas (2011) as exigências do casamento na década de 1960 apresenta-se notoriamente como um acordo em que a mulher aceita a proteção moral e econômica do marido, ao passo que como barganha lhe dá dedicação total, dessa forma após o laço matrimonial a mulher não terá mais uma vida “livre”, nem carreira profissional ou social. Ou seja, a mulher estará aprisionada dentro de uma situação mantida “digna” pela sociedade, em que cuidará dos filhos, da casa e do marido, sendo seu único papel, o de ser dona de casa. Dessa forma, suas vontades e pretensões devem ser domadas pela falsa ilusão de uma vida feliz e tranquila tirando qualquer questionamento acerca da sua vida passiva, exemplificada a seguir:

As expectativas que a mulher guarda para o casamento são diferentes das que o homem carrega para a vida a dois. Para ela, na maioria das vezes, casar-se será concretizar o sonho da união conjugal e amorosa, já para ele é a tranquilidade e a segurança de ter alguém que dele se ocupará. Tal diferença de expectativas é responsável pelas etapas seguintes ao casamento para a mulher: frustração e melancolia. (FREITAS, 2011, p.84).

Nessa perspectiva, o matrimônio é visto entre o homem e a mulher por visões diferentes em que claramente aparece uma discordância de expectativas entre ambos, o que acaba contribuindo para que a vida de casada da mulher se mantenha o oposto da felicidade idealizada.

No contexto da estrutura matrimonial aparece o espaço da casa, o qual tem na figura da mulher sua maior organizadora, a quem cabe todo o peso do trabalho doméstico. Tarefas repetidas dia a dia sem a exigência da reflexão tornam-se para muitas um caminho por onde manter os olhos afastados de si mesma. Mistura-se constantemente à casa faz parte da relação de possuir o controle sobre o espaço, ainda que o preço de doar-se inteiramente a ele. (FREITAS, 2011, p.85).

É essa ilusória romantização que faz com que o trabalho realizado pela mulher dentro de casa não seja valorizado ou tenha de fato uma contribuição em sociedade, prendendo-a e limitando o tempo que poderia se dedicar consigo mesma, ela destina a casa e a tarefas domésticas, o que contribui para a confirmação de um estado passivo relacionado diretamente a um nível de alienação social em que resguarda a mulher objetivada em seu confinamento matrimonial.

Ao termos um contato com a escrita de Clarice Lispector observamos que ela tentou burlar sistemas que tentassem enquadrá-la e fazia questão de deixar isso claro conforme Schmidt (2020) que não tinha interesse em produzir literatura, já que ela de fato não se considerava uma escritora renomada. Diante disso, em suas obras, Clarice não costuma usar a palavra “feminismo”, pelo fato, talvez, de naquela época, as feministas serem consideradas como as mulheres que queriam se igualar aos homens em um mesmo patamar.

De acordo com Schmidt (2020), a afirmação clara da mulher “feminina”, em termos relacionados à cultura patriarcal, é notória pela presença de uma característica de inércia, como sendo uma falta de reação e que acaba se fazendo um ser que não a pertence, mas que serve para o “outro”, uma mudança que é convencional, em termos de um conservadorismo forçado.

Com uma escrita questionadora em relação à sociedade, na composição de suas obras, Clarice faz uma ponte em destacar um feminismo em que a narradora tem uma cumplicidade com suas personagens, e que vai de uma obra para outra, como sendo um padrão a ser seguido e cruzando vida versus ficção, trazendo à tona atividades de luta, de submissão, mesmo que por vezes numa realidade dolorosa que acontece a sua volta. De certo modo, em concordância com Schmidt (2020), isso não rotula a escrita de Clarice como sendo uma promessa, mas que sua natureza feminina está presente na construção e elaboração das suas personagens.

Em alguns pontos de sua escrita, Clarice evidencia um certo desconforto que suas personagens têm e que buscam de fato sua “libertação”, em torno de algo: Schmidt (2020), evidencia que em momentos de delírios, síncope ou até mesmo pensamentos críticos, as personagens são tomadas por um desejo de serem livres, mesmo que não saibam expressar ao certo esse desejo, fato que surge como um questionador da estrutura vivida engessada em cada obra ao longo de suas vidas. É como se essa literatura Clariciana fosse uma escrita em que o potencial de criação da representação da mulher fosse reinventado para se imaginar como sendo outra, livre e diferente do que é na obra de ficção e na vida.

De acordo com Costa et al., (2011) as personagens vivem suas diárias repetidamente, dia após dia, tudo igual, como em um looping, sem perspectivas e repetindo hábitos, lugares e obrigações sem se importar com o seu eu e vivendo para servir, escravizando dessa forma a si mesma. Outro fato importantíssimo é a questão de não haver conflito declarado entre homem/mulher, sendo visto como uma naturalização da subordinação masculina ou aceitação de fatos e obediência da personagem feminina que prefere servir do que expor seus pontos de vista e suas vontades, claramente vista como uma literatura que questiona a forma como se

constituem os papéis entre homem/mulher na sociedade, o que se mostra tema recente nos dias atuais.

O conflito interno decorrente do sentido do que se destina ao chamado “destino de mulher” opondo-se a desmistificação da sexualidade em que a mulher é marcada a ser sujeito submisso, fato que se não é feito, pode prejudicar nos demais quesitos em sociedade, nesse sentido:

A situação da mulher no mundo (a de oprimida) lhe nega a expressão normal de humanidade e frustra seu projeto humano de autoconfiança e autocriação. Enquanto os homens são encarregados de “remodelar a face da terra” apropriando-se dela, impondo-lhe sua marca, à mulher é vedada a possibilidade de ação. Além de estar aí, sua opressão está também, e principalmente, na crença de que o destino da mulher é ser passiva, uma vez que a passividade integra, irremediavelmente, sua natureza. Em vista disso, e não podendo rebelar-se contra a natureza, o mundo não lhe pertence e sua energia é canalizada para o narcisismo, o romantismo ou a religião. (ZOLIN, 2009 apud Beauvoir, 1980, p.168).

É evidente que para a mulher inserida na sociedade, lhe são vedados vários fatores de ação, principalmente pelo fato de ter uma crença errônea que recai sobre ela, a de ser frequentemente descrita como tendo seu destino de mulher e que é de sua natureza ser obediente, dessa forma, não pode haver reclamações e nem ir contra sua natureza, tendo sua voz “desvanecida”.

No caso da mulher, os meios são mais favoráveis para que esse processo se realize: sua fraqueza é estimulada. No entanto, a má fé dos outros em anular-lhe a liberdade- que é inerente à sua condição de ser humano- não é suficiente para a plena realização dessa empreitada, tornando-se cúmplice da própria escravização. . (ZOLIN, 2009 apud Beauvoir, 1980, p.168).

É nesse sentido que a mulher deve evitar essa armadilha presente na falsa igualdade com os homens, pois, é nessa rejeição dessa igualdade que se exalta o direito e proteção dos seus valores, antes entendida como apenas “disfarce” para incentivar que a mulher desenvolvesse o mesmo papel que os homens.

4 A INAÇÃO DA PERSONAGEM ELVIRA A PARTIR DO SEU SILENCIAMENTO

Na construção de determinados contos, Clarice desenvolve narrativas em que a mulher é apenas pautada como um objeto, que produz e realiza tarefas, principalmente no lar e dentro de mil outras funções de suporte, notoriamente descrita como frágil e diante tantos outros retrospectos.

No conto A fuga, a personagem central é Elvira, que possui um desejo iminente de libertação, já que se sente oprimida e tenta fugir de tudo e todos, mas não consegue fugir nem de si mesma. O conto apresentado é narrado em 3º pessoa, e expressa pensamentos excessivos, mostrando a insatisfação interior da personagem com sua vida e o desejo de viver novas experiências, mas existe uma mistura entre a voz da narrativa e os pensamentos de Elvira que não se separam durante a trama. O espaço gira em torno do ambiente da sua casa e as três horas que ela fica em sua “fuga” vagando pela rua. O conto é ambientado no Rio de Janeiro e a perspectiva da mulher naquela época era baseada exclusivamente no que a sociedade impunha, uma vida baseada na família com estrutura de servidão sob o comando totalitário e patriarcal do marido.

O tempo da narrativa apresenta-se por meio de flachs-back e tudo ocorre em um único dia da rotina de Elvira, revivendo, porém, momentos do passado e apresentando dessa forma um tempo de caráter psicológico. A descrição dos personagens é feita de forma superficial, o marido não tem um nome atribuído e é tido como soberano, e a sociedade como indiferente e julgando a situação apresentada por Elvira, remetendo a um mundo sério de controle e que em todo o conto apresenta Elvira com uma enorme frustração e ansiosa pela sua liberdade, coisa que não acontece pelo fato da protagonista desistir de sua fuga pelo medo e constrangimento que passaria pela sociedade e pelas incertezas de não ter mais o pilar de sustentação da sua vida, que era seu marido.

Em “a fuga” como também nos demais contos de Clarice em que a protagonista é uma personagem feminina é reluzente uma marca que gira em torno delas, sempre utilizando a vida cotidiana e uma certa revelação ou sopro de uma tentativa de ver a “luz”, essa luz seria de fato um meio de fugir de suas realidades cinzas que Segundo Costa et al., (2011) fora por muitos anos naturalizado, e é frequentemente abordado durante o conto, em que há diversas tentativas de Elvira se livrar de um casamento fracassado. Dentro desse ponto de vista, as mulheres casadas carregam uma opressão comum:

Mulheres casadas são as que sofrem diretamente a “opressão comum” fundada na divisão do trabalho, as restrições sofridas pelas divorciadas e pelas solteiras com filhos expõem o caráter sistêmico e institucionalizado da opressão: elas vivenciam os custos ampliados da ruptura com os padrões de dependência vigentes, sendo essa ruptura voluntária ou não. Em suma, é justamente o caráter institucional da exploração no casamento que torna potencialmente ruim a situação das mulheres fora dele, a ponto de o casamento aparecer como um mal menor – como “a melhor carreira, economicamente falando”. (BIROLI, 2018, p.29).

Ou seja, essa opressão é de fato o que faz com que as mulheres continuem se submetendo a continuar em relações fracassadas e infelizes, já que quando decidem se separar, recai sobre essas mulheres um estigma social restrito que depende exclusivamente do status matrimonial em que torna a situação da mulher fora dele em comparação ao matrimônio, fracassada, pois, o casamento é visto nesse ângulo como “um mal menor” e sendo constituído e escolhido por se mostrar como a melhor carreira, já que a mulher não teria de se manter ou procurar um emprego fora.

Biroli (2018) ainda reitera que a desigualdade em relação ao trabalho de homens e mulheres se caracteriza como produtivo e não remunerado, sendo dessa forma a fundamentação do patriarcado ligado ao capitalismo, em que o patriarcado explora o trabalho da mulher em relação ao do homem, deixando claro a divisão sexual do trabalho, em que as mulheres tem a força trabalhista ideal e os companheiros se beneficiam desse sistema, tendo como foco a diferenciação entre o trabalho remunerado e o não remunerado, e nesse sentido a mulher que fornece o trabalho sem remuneração, como no cuidado dos filhos e da casa, abre portas para os homens se integrem no mercado de trabalho remunerado, mostrando claramente que essa gratuidade da mulher se configura apenas em um contexto que é o casamento e dessa forma se intitula de não produtiva e só vai ter valor financeiro quando atribuído a locais que não seja a casa e o marido. Em decorrência disso:

A configuração das fronteiras entre esfera pública e esfera privada implica lugares distintos para mulheres e homens. Não quero, com isso, afirmar que todos os homens e todas as mulheres são posicionados de maneira idêntica, mas que, para a participação das mulheres na esfera pública, impõem-se filtros que estão vinculados às responsabilidades a elas atribuídas na esfera privada e à construção de sentidos do feminino que ainda guardam relação com a noção de domesticidade. (BIROLI, 2018, p.10).

É claramente exposto pela autora que a mulher tem um lugar na sociedade diferentemente do homem e que para que haja seu engajamento nesse meio, ela tem que “andar” a margem do que a sociedade impõe para que possa ser bem vista, já que ainda é muito forte a sua relação entre o eu mulher doméstica que obedece a ordens, sendo dessa forma natural a sua convivência no meio e a mulher que vai contra essa prática, faz com que a sua domesticidade seja a chave para estar posicionada de forma correta na sociedade.

Em a fuga dentro da sua rotina, Elvira expressa os pesares e frustrações vividas por ela durante doze anos de casada, que por um acaso, em um dia chuvoso e sufocante, tem um momento de epifania que a leva a tomar uma decisão, ir embora, difícil, mas necessário, ela se vê entre uma corda bamba, hora quer ir embora, hora reflete profundamente se valerá a pena e começa a ter um encorajamento interior para de fato obter a sua fuga.

O conto inicia com um mistério, ao não revelar, onde, quem, ou por quê: “Começou a ficar escuro e ela teve medo. A chuva caía sem tréguas e as calçadas brilhavam úmidas à luz das lâmpadas”. (LISPECTOR, 2016, p. 88). Essa forma de não deixar explícito de quem se fala, de conter a informação, de certa forma contribui para uma imaginação própria e talvez até de uma cumplicidade com a personagem, já que se torna, um meio de refletir se em algum momento se os seus leitores já se viram dessa forma, esse tipo de início pode revelar um ponto principal da narrativa, que é de fato o desconhecido, e o medo do inesperado, como também os anseios, as indecisões e a falta de sentimento como resultado de uma rotina de doze anos.

Com o prosseguir do conto, a protagonista segue lutando em um ambiente desacolhedor, frio e que parece muito desconfortável, se encharcando pela chuva que caía se vê em uma “bolha” que não a agrada: “Passavam pessoas de guarda-chuva, impermeável, muito apressadas, os rostos cansados. Os automóveis deslizavam pelo asfalto molhado e uma ou outra buzina tocava maciamente” (LISPECTOR, 2016, p.88). É claro a angústia de Elvira, é como se as pessoas não a olhassem de forma espontânea, e passando por essa aflição ela se pergunta se a vida dos outros não é mais fácil, dando a entender que a chuva molhava apenas quem tinha sofrimento dentro de si e as demais pessoas fossem impermeáveis à chuva e ao sofrimento que ela resplendia:

Quis sentar-se num banco do jardim, porque na verdade não sentia a chuva e não se importava com o frio. Só mesmo um pouco de medo, porque ainda não resolvera o caminho a tomar. O banco seria um ponto de repouso. Mas os transeuntes olhavam-na com estranheza e ela prosseguia na marcha. (LISPECTOR, 2016, p.88)

É notório dentre isso, o cansaço, a falta de perspectivas e a opressão que trazem a imagética “liberdade”, em que Elvira era constantemente julgada ao estar sentada nesse banco e que passou a sentir e refletir sobre essa realidade, seria mesmo isso que ela almejava, inseguranças que o seu lar não colocava em questão, o que aconteceria após sua decisão, como ela seguiria sem frente com o plano, pois, os doze anos de que ela deixara para trás, talvez pese mais que o anseio pela “liberdade” conforme veremos a seguir:

Estava cansada. Pensava sempre: “mas que é que vai acontecer agora?” Se ficasse andando. Não era solução. Voltar para casa? Não. Receava que alguma força a empurrasse para o ponto de partida. Tonta como estava, fechou os olhos e imaginou um grande turbilhão saindo do “Lar Elvira”, aspirando-a violentamente e recolocando-a junto da janela, o livro na mão, recompondo a cena diária. Assustou-se. Esperou um momento em que ninguém passava para dizer com toda força: “Você não voltará”. Apaziguou-se. (LISPECTOR, 2016, p.88).

É claramente o ponto essencial para a recusa, refletindo profundamente se haveria alegria e livramento em sua decisão o que fazia com que tivesse medo de esses pensamentos a fizessem regredir, já que voltava com a ajuda de flash-backs a sua rotina diária e caía na real que não queria mais viver aquilo e dizia a si mesma que não voltaria e então se acalmava. “Não havia, porém, somente alegria e alívio dentro dela. Também um pouco de medo e doze anos” (LISPECTOR, 2016, p.89). O medo é explícito de não conseguir se libertar dessa “prisão sem grades” e ao mesmo tempo em que queria a segurança da liberdade, era aprisionada pelo marido, que acabava se mostrando como um aspecto do conto relacionado ao marido com a personificação do mar:

O mar revolvía-se forte e, quando as ondas quebravam junto às pedras, a espuma salgada salpicava-a toda. Ficou um momento pensando se aquele trecho seria fundo, porque tornava-se impossível adivinhar: as águas escuras, sombrias, tanto poderiam estar a centímetros da areia quanto esconder o infinito. Resolveu tentar de novo aquela brincadeira, agora que estava livre. Bastava olhar demoradamente para dentro d’água e pensar que aquele mundo não tinha fim. Era como se estivesse se afogando e nunca encontrasse o fundo do mar com os pés. (LISPECTOR, 2016, p.89).

Nessa citação fica a evidencia da força do mar, sendo forte e mesmo que por escolha, pode leva-la para o seu abismo, ao mesmo tempo em que a seduz, lhe assusta, por não saber a sua complexidade em ser profundo. Essa escolha foi feita ao sair de casa, e esse fato de não ter mais com essa saída onde colocar os pés, faz essa comparação entre a segurança junto do marido em que fixava os pés e a tentativa de libertar-se frente ao mar sem agora possuir apoios:

Mas nesse momento a recordação do homem não a angustiava e, pelo contrário, trazia-lhe um sabor de liberdade. Há doze anos não sentido. Porque seu marido tinha uma propriedade singular: bastava sua presença para que os menores movimentos de seu pensamento ficassem tolhidos. A princípio, isso lhe trouxera certa tranquilidade, pois costumava cansar-se pensando em coisas inúteis, apesar de divertidas. Agora a chuva parou. Só está frio e muito bom. Não voltarei para casa. Ah, sim, isso é infinitamente consolador. Ele ficará surpreso? Sim, doze anos pesam como quilos de chumbo. Os dias se derretem, fundem-se e formam um só bloco, uma grande âncora. E a pessoa está perdida. Seu olhar adquire um jeito de poço fundo. (LISPECTOR, 2016, p.89-90).

É notório que Elvira tem um sofrimento nítido por estar dentro de uma subordinação social que a enquadra e que tem sua fonte de sofrimento ligada diretamente ao seu marido, que a impede de pensar ou agir. Com um casamento de doze anos, Elvira vê como sendo um

fato sólido pesando como “quilos de chumbo”. Esse peso se assemelha em termos com uma âncora que a puxa para baixo, deixando-a paralisada e cada vez mais presa ao seu papel doméstico, repetem-se assim, os velhos hábitos e papéis de ambas as pessoas de um casamento, o homem provedor do lar e a mulher, a que mantém a estrutura doméstica intacta como a subalterna que é e romantizada.

Na continuação do conto, Elvira ainda se apresenta como dona de casa, esposa de um marido bem-sucedido, “sólido, bom e que nunca erra”:

Vive atrás de uma janela, olhando pelos vidros a estação das chuvas cobrir a do sol, depois tornar o verão e ainda as chuvas de novo. Os desejos são fantasmas que se diluem mal se acende a lâmpada do bom senso. Por que é que os maridos são o bom senso? O seu é particularmente sólido, bom e nunca erra. (LISPECTOR, 2016, p.90)

Essa citação retrata detalhadamente a rotina de Elvira, dia após dia, inerte, estação após estação, e que com infinitos desejos de sair dessa prisão sem grades solitária, mas que ao pensar no seu casamento esses desejos de deixar esses dias nublados por trás de suas janelas acabam se diluindo, como se o marido a trouxesse a realidade em um piscar de olhos, já que são considerados como o bom senso e a faz enxergar limites e não perder tempo com coisas inúteis.

Na mesma conjuntura, Zolin (2009) aponta que a mulher possui um imaginário infinito que impulsionam transformações em sua escrita, já que a do homem é considerada de opressora e é nesse sentido que o desejo e o inconsciente se chocam, e se mostra reprimido por bater de frente com o lugar do indivíduo na sociedade, a mulher nesse sentido é capaz de produzir e encontrar seu lugar na escrita e em sociedade, mas as especificidades que a representam não podem ser ligadas diretamente a ela, já que cabe ao homem o papel de imposição.

Elvira, contudo, sempre está confrontando suas escolhas, sem saber lidar talvez com essa rotina de liberdade sonhada e com provavelmente sua falta de estabilidade: “Ela ri. Agora pode rir... Eu comia caindo, dormia caindo, vivia caindo. Vou procurar um lugar onde pôr os pés...” (LISPECTOR, 2016, p.90). É como se nada tivesse gosto, nem vontade de dar a volta por cima e a indecisão e o medo a faziam cair e ficar caindo, fazendo tudo ao seu redor caindo, sem perspectivas, até que ela tem um estalo, e percebe que debruçando-se sobre o muro, poderia ver de longe a liberdade e acaba vendo um homem gordo, como aparece no conto e pensa em lhe falar algo: “Que é que faço? Talvez chegar perto e dizer: “meu filho, está chovendo”. Não. “Meu filho, eu era uma mulher casada e sou agora uma mulher” (LISPECTOR, 2016, p.90). É claramente o momento que Elvira se vê em uma outra realidade

e tem a necessidade de exalar a sua liberdade, deixou de ser uma mulher casada para ser uma mulher:

Abre a boca e sente o ar fresco inundá-la. Por que esperou tanto por essa renovação? Só hoje, depois de doze séculos. Saíra do chuveiro frio, vestira uma roupa leve, apanhara um livro. Mas hoje era diferente de todas as tardes dos dias de todos os anos. Fazia calor e ela sufocava. Abriu todas as janelas e as portas. Mas não: o ar ali estava imóvel, sério, pesado. Nenhuma viração e o céu baixo, as nuvens escuras, densas. Como foi que aquilo aconteceu? A princípio apenas o mal-estar e o calor. Depois de qualquer coisa dentro dela começou a crescer. De repente, em movimentos pesados, minuciosos, puxou a roupa do corpo, estraçalhou-a, rasgo-a. Então um forte estrondo abalou a casa. Quase ao mesmo tempo, caíam grossos pingos d'água, mornos e espaçados. (LISPECTOR, 2016, p.90-91).

Nesse trecho é possível observar que Elvira tem uma iniciativa, a idealização da fuga logo no período da tarde, na hora em que a casa está pronta, todas as tarefas já foram feitas então está tudo calmo, e logo a calma inquieta a “dona de casa”, que parecia aguardar a outra demanda de trabalho doméstico. Acaba saindo do “quadrado”. É notório que o papel principal da mulher está relacionado apenas ao meio prático, de cumprir atividades, e seu pensamento é totalmente ignorado e reprimido.

Sentada como habitualmente fazia às tardes, Elvira associa a sua opressão com o calor insuportável que a sufocava, então, oprimida tira suas roupas e acaba expulsando-se do seu papel enraizado de esposa e dona de casa. Quando essa remoção da roupa acontece, começa a chover e essa “água” está presente como forma de inaugurar o que Elvira viveria fora do seu aprisionamento invisível e pode ser visto como uma “inauguração” ou purificação e então acaba percebendo que é possível existir uma vida diferente da que antes ela vivera:

Ficou imóvel no meio do quarto, ofegante. A chuva aumentava. Ouvia seu tamborilar no zinco do quintal e o grito da criada recolhendo a roupa. Agora era como um dilúvio. Um vento fresco circulava pela casa, alisava seu rosto quente. Ficou mais calma, então. Vestiu-se, juntou todo o dinheiro que havia em casa e foi embora. Agora está com fome. Há doze anos não sente fome. Ah, como tudo é lindo e tem encanto. (LISPECTOR, 2016, p.91)

Após a decisão de partir, Elvira vai embora e começa a ver uma realidade que antes para ela não existia, começa a ter fome, sendo que há doze anos não a sente, pois dormia caindo, comia caindo, e agora está de pé e começa a ver cor e encanto nos pequenos detalhes da vida que antes não via importância. Em sequência a protagonista ver seus planos de fuga desmoronarem rapidamente, já que aparece alguns empecilhos:

Mas ela não tem suficiente dinheiro para viajar. As passagens são caras. E toda aquela chuva que apanhou, deixou-lhe um frio agudo por dentro. Bem que pode ir a um hotel. Isso é verdade. Mas os hotéis do Rio não são próprios para uma senhora desacompanhada, salvo os de primeira classe. E nestes pode talvez encontrar algum conhecido do marido, o que certamente lhe prejudicará os negócios. (LISPECTOR, 2016, p.92)

Nesse trecho é predominantemente a confirmação do estigma que recai sobre a mulher, que é vista como “bem casada”, que deve manter seu comportamento íntegro para que suas atitudes não recaiam e “manchem” a imagem do marido e de sua família, e em vez de reagir com seus planos, acaba desistindo com medo dos comentários da sociedade patriarcal e machista sobre si mesma, mesmo que isso custe a fuga de um eu aprisionado em uma casa que não possui grades, mas aprisiona por não existir felicidade. E com os olhos da sociedade se ficasse sozinha não teria ninguém que a validasse como uma mulher “direita” e honesta, e seu valor como pessoa acabaria sendo intensificado apenas pela presença ou falta de uma figura masculina na sua vida. Então “cai” na real e se vê sem saída, a não ser regressar para o seu aprisionamento naturalizado, sua casa, e tudo não passa de um pensamento irreal e idealizado de felicidade:

Oh, tudo isso é mentira. Qual a verdade? Doze anos pesam como quilos de chumbo e os dias se fecham em torno do corpo da gente e apertam cada vez mais. Volto para casa. Não posso ter raiva de mim, porque estou cansada. E mesmo tudo está acontecendo, eu nada estou provocando. São doze anos. (LISPECTOR, 2016, p.92)

Elvira é facilmente sabotada por um eu inseguro, então deixa o peso da sociedade e dos doze anos à frente de tudo e “foge” da sua fuga, já é acostumada, e aceita viver mais anos de chumbo, aceitando passivamente a vida passar diante de seus olhos sem expressar nenhum enfrentamento de mudança.

Na sua volta para casa ela encontra o marido que acabou de chegar em casa do trabalho e mais uma noite dorme fantasiando uma libertação que talvez nunca exista:

Entra em casa. É tarde e seu marido está lendo na cama. Toma um copo de leite quente porque não tem fome. Veste um pijama de flanela azul, de pintinhas brancas, muito macio mesmo. Pede ao marido que apague a luz. Ele beija-a no rosto e diz que o acorde às sete horas em ponto. Ela promete, ele torce o comutador. (LISPECTOR, 2016, p.92)

Por fim, quando Elvira volta a sua realidade, seu marido já está deitado, nada é diferente do normal, então ela veste seu pijama para se aquecer da frieza que a rodeava e a consumia e pede que o marido apague a luz, ele pede que o acorde pela manhã continuando a

rotina de todos os dias normalmente e dessa forma revela a posição de Elvira dentro do casamento, sendo responsável por um funcionamento correto do cotidiano, encarregada de obrigações apenas serviçais. Ela fecha então os seus olhos, chora e vê a lua cobri-la vagorosamente, o navio de longe parte e leva com ele as esperanças e último suspiro de Elvira, as ondas vão se dissipando e o navio cada vez se afasta mais. Elvira segue ancorada em doze anos, esperando que talvez um dia o chumbo não pese com tanta intensidade que vem pesando a doze anos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, é necessário integrar e evidenciar a relevância que a sociedade teve em relação à inação de Elvira, já que é claro dentro o conto que foi por influência e futuros falatórios que ela desistiu de deixar o marido, ficando presa em seu relacionamento e tendo a sua inação aflorada quando tentou sair de uma relação que a mantinha infeliz durante anos.

Acabou sendo “boicotada” pelo meio social, que diretamente fez com que ela desistisse e voltasse para casa, deixando Elvira estagnada ao seu desejo de se ver livre e fazendo com que nada passe de um sonho idealizado pela protagonista, que talvez um dia possa vir a acontecer, de forma natural e que não fique presa no fundo de seu inconsciente, deixando de pesar como chumbo, que há doze anos tem sido um fardo e se mantém ancorado na estação do pensamento, em que Elvira ver a vida passar, mas não passa por ela e fica paralisada, esperando que alguém um dia, finalmente possa entender seu sofrimento e tente tirá-la dessa inação que talvez, seja mais dolorida que o chumbo que a acompanha, fruto de uma relação de doze anos que a desfaleceu e fez com que perdesse o sentido da vida.

Portanto, a presente pesquisa foi relevante para compreendermos a contemporaneidade no conto de Clarice Lispector presente principalmente por mostrar uma realidade além do seu tempo, falando inclusive de mulheres dos dias de hoje, que mesmo em tempos diferentes ainda são aprisionadas em casamentos fracassados, amores individuais só para não ficarem sozinhas, ou por acharem que não conseguem outro companheiro, principalmente por julgamentos de uma sociedade imperante machista de ambos os sexos. Considerando essa perspectiva existem mulheres ambientadas no século XXI, mas que ainda aceitam o modelo tradicional de divisão de tarefas, em que o homem é responsável unicamente a “banca” o lar e a mulher a demanda executiva de cuidar da casa, serviços domésticos, e tudo dentro desse quadrado fechado e repetitivo. Uma devoção familiar imposta e que é baseada em uma servidão que era para valer para ambas as partes, mas que só desfavorece a mulher,

pensamento nada mais do que sexista e que desde sempre foram obrigados a serem aceitos, enquadrando uma realidade apresentada por Elvira que é destinada a validação moral como mulher.

REFERÊNCIAS

AMODEO, M. T.; DA SILVEIRA, A. Clarice Lispector para mulheres – e homens – do século XXI. **fólio - Revista de Letras**, [S. l.], v. 12, n. 2, 2021. DOI: 10.22481/folio.v12i2.7437. Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/7437>. Acesso em: 4 set. 2021.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

DE BARROS ROCHA, F. A.; EL FAHL, A. de O. F. A lâmpada do desejo: uma leitura do conto “A fuga” de Clarice Lispector. **A Cor das Letras**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 19–27, 2017. DOI: 10.13102/cl.v18i1.1683. Disponível em:

<http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasleytras/article/view/1683>. Acesso em: 17 ago. 2021.

EDILEUZA DA COSTA, M.; MANGUEIRA, J. V.; APARECIDA DA COSTA, M.; FERREIRA, G. duas mulheres, dois mundos diferentes, um mesmo destino: análise dos contos "a fuga" de clarice lispector e "Eveline" de james joyce. **Revista de Letras**, v. 1, n. 29, 2011.

FREITAS, Jane Pinheiro de; MENDES, Maria dos Prazeres Santos; BESSE, Maria Graciete. **Visões do (des)encanto: um estudo sobre o feminino transgressor em Clarice Lispector e Maria Judite de Carvalho**. 2011. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-09092011-144037/> >. Acesso em: 12 ago. 2021.

LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MORAES, M. L. Q. de. Feminismo e política: dos anos 60 aos nossos dias. **Estudos de Sociologia**, [S. l.], v. 17, n. 32, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/4930>. Acesso em: 4 set. 2021.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **A teia sutil de uma poética feminista**. 2020. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/teia-sutil-de-uma-poetica-feminista/>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

TRIANA, Claudia Esperanza Durán. **Escrita feminina e laços familiares: Clarice Lispector e Marvel Moreno**. 2011. 123 f. Dissertação da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ZOLIN, L. Crítica feminista: **os estudos de gênero e a literatura**. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3.ed. Maringá: Eduem, 2009.